



A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FÉ E A VIDA CRISTÃS

Uma consideração homilética sobre o tema à luz de 1 Coríntios 15.20-23

Rev. Paulo Severino da Silva Filho

INTRODUÇÃO

Vivemos, de acordo com o calendário cristão, o tempo da Páscoa. Tempo de refletir sobre a ressurreição de Cristo e suas implicações para a nossa fé e a nossa vida. O tema da ressurreição se liga ao tema da morte, a grande questão do ser humano, universal e inescapável. Diz Sartre, num de seus romances, que “a morte está inscrita nas pessoas”, assim como “a ruína está inscrita nas coisas”, palavras que retratam com precisão um aspecto da verdade deste mundo marcado pelo pecado. A morte é “o último inimigo a ser destruído”, no dizer de Paulo neste mesmo texto (cf. v. 26). Na bela expressão do poeta Manuel Bandeira, a morte é “a indesejada das gentes”.

Todos sabem que vão morrer – algum dia, em algum lugar, de alguma maneira. Pode-se até fugir da consideração do assunto (prática adotada por muitos), mas não se pode negar a sua realidade. Até há quem pense que esta é a única certeza da vida.

Por outro lado, ninguém em sã consciência pode aceitar a realidade da morte passivamente. Algo dentro de nós nos parece sempre chamar a atenção para o fato de que não existimos para morrer, mas fomos criados para viver. O homem tem dentro de si um certo senso da eternidade, e um desejo imenso de participar dela. Mesmo os que não acreditam na eternidade pessoal tentam perpetuar de alguma forma sua existência, através das coisas que fazem – buscando deixar uma obra imortal, inesquecível; sobrevivendo na posteridade etc.

No entanto, a morte é experiência inevitável – ninguém fica para semente. Mas o conhecimento disso não diminui em nada a sensação de que a morte é um absurdo. Não consola considerá-la como coisa natural, como parte final de uma vida restrita a este mundo – afinal, vale a pena viver, se a vida é só isso e tem um fim?

A fé cristã, marca dos inconformados com qualquer limitação a seu amor pela vida, ensina que a morte pode e vai afinal ser definitivamente vencida na existência dos crentes em Jesus Cristo – é a esperança da ressurreição.

NARRAÇÃO

Desta esperança trata o apóstolo Paulo no cap. 15 de 1 Coríntios. Temos aqui um longo argumento em favor da fé na ressurreição dos mortos, baseado no fato da ressurreição de Jesus Cristo. Havia em Corinto quem negasse a doutrina da ressurreição dos mortos, ainda que aceitasse a realidade da ressurreição de Cristo. Uma incoerência, uma contradição – pois se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. Com todas as terríveis conseqüências que isso acarreta: vazia seria a pregação e a fé cristãs; total seria nosso fracasso, com nossa permanência no pecado e fim na morte; miserável seria a condição dos cristãos, com uma

esperança em Cristo limitada apenas a esta vida. Seríamos uma gente iludida, digna de dó, merecedora de piedade; uns pobres coitados, em pior situação do que os que são do mundo, que ao menos não se deixam enganar por falsas esperanças. Isto se não houvesse ressurreição dos mortos. Mas, diz Paulo, “de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos”. É a prova definitiva de que há ressurreição, e conseqüentemente, esperança para a humanidade em seu anseio por vida abundante e eterna.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

1) É REALIDADE MANIFESTADA NA HISTÓRIA HUMANA

Naquela gloriosa manhã pascal, que há pouco comemoramos, a morte foi vencida. Este é uma verdade central da fé cristã. De fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos. É uma realidade inegável, que foi testemunhada por muitos (cf. o registro das aparições de Cristo, v. 5ss). Não é uma ilusão, nem uma invenção, mas algo que foi verificado, ainda que não possa ser explicado pela mente humana. Não sabemos como se deu a ressurreição de Jesus, mas sabemos que aconteceu.

Jesus se mostrou vivo e vencedor da morte a várias pessoas, e isto em seu corpo. Não se trata de mera sobrevivência espiritual, mas de ressurreição do corpo. Pois, para o judeu, não se pode pensar em vida sem corpo ou fora do corpo; a vida é sempre corporal. Por isso, os relatos evangélicos das aparições de Jesus dizem que seu corpo ressurreto traz as marcas da crucificação – os sinais dos cravos nas mãos e nos pés, e da lança no lado. Jesus até come com os discípulos. Assim os Evangelhos querem deixar claro que é ele mesmo.

Na ressurreição de Jesus, o novo, o definitivo, o eterno irrompe no histórico, no temporal, no provisório, como nunca antes, marcando-o para sempre.

2) É GARANTIA DA NOSSA PRÓPRIA RESSURREIÇÃO

Cristo é “as primícias dos que dormem”. Primícias é um termo rico de significado no AT, de onde é tirado por Paulo. Primícias são os primeiros feixes de trigo, os primeiros frutos da terra, oferecidos a Deus. São entregues em gratidão e homenagem a Deus, doador da vida e da terra, pela certeza da colheita que virá. Cristo ressuscitado é a garantia de outras ressurreições. Ele é o primeiro que ressuscitou; haverá outros que também ressuscitarão. (Cf. Colossenses 1.18: Ele é “o primogênito de entre os mortos”.)

Os que são de Cristo não morrem definitivamente. Dormem. Para eles, a morte não é o fim; é como um sono (e isto é diversas vezes dito por Paulo, ao longo deste capítulo: vv. 6, 18, 20, 51; cf. também 1 Tessalonicenses 4.13-18). Depois do sono, o que vem? Um alegre despertar para um novo dia.

Mais ainda podemos tirar da afirmação paulina. Sono é coisa de vivos. Morte não põe fim à existência, nem interrompe a relação com Deus, não priva da comunhão com o Senhor (cf. Romanos 8.38s; Lucas 23.43). Nesse estado de morte, no sono da morte, não ficamos separados de Deus. Ainda que aguardemos a ressurreição do corpo na vinda de Cristo para experimentar a salvação em sua plenitude, já no momento da morte entramos na eternidade, passamos a provar daquilo que Deus tem preparado para aqueles que o amam (cf. 1 Coríntios 2.9).

Porque Jesus Cristo ressuscitou, nós também vamos ressuscitar. Cristo venceu a morte, nós também a venceremos. A despeito de todas as aparências em contrário, há outra realidade por trás do aparentemente inexorável fim da morte. Nosso futuro já começou em Cristo; o que ainda nos aflige e angustia, nele já é passado, realidade superada. Certamente ele virá em breve, em toda a sua glória. E, quando isso acontecer, nós também ressuscitaremos, em nosso próprio corpo

transformado, para uma nova vida. É como num parto normal e bem-sucedido. A cabeça já saiu para a plenitude da vida, logo seguirá o corpo, que somos nós.

Mas isto é futuro. E quanto ao presente?

3) É FONTE DE CONSOLO EM NOSSAS LUTAS DO PRESENTE

Pois de lutas é nossa realidade atual. Ainda que a ressurreição seja certa, ela ainda não aconteceu para nós. Está no futuro (v. 22); há uma ordem para as coisas acontecerem (v. 23). Cristo é o único, por enquanto. Assim, é mister evitar uma consideração entusiasta da ressurreição, como faziam os coríntios e outros cristãos, acreditando que a ressurreição já havia ocorrido na conversão, no batismo, ou no recebimento do Espírito Santo (cf. 2 Timóteo 2.18). Tudo isto leva a uma alienação da realidade.

Este tempo é ainda marcado por sofrimento, aflições, e a própria experiência da morte, que foi derrotada, mas não destruída. Não percamos de vista a cruz, os cravos, a marca da lança no Ressuscitado. A cruz está vazia, mas por ela passa o caminho que leva à glória. Todos nós temos nossas lutas, das quais não podemos fugir; todos nós vamos morrer, se Jesus não voltar antes. Mas não lutamos no escuro – nossas lutas são iluminadas pela luz da ressurreição. E não morreremos sem esperança, pois a morte, mesmo que nos alcance, não será definitiva para nós que somos de Cristo.

Não sabemos por que o tempo se prolonga, nem quando virá o fim; mas sabemos que virá. Até lá, a ressurreição de Cristo nos anima, dando-nos paciência para esperar (a despeito de todo o imediatismo que nos cerca), perseverança para lutar (apesar de toda a tentação para desanimar e desistir), perspectiva para prosseguir (mesmo que pareça tardar a vinda do Senhor). Ainda temos que lidar com problemas seriíssimos e poderes violentíssimos, que nos incomodam e atormentam; mas eles não podem nos derrotar – pois em breve valerá para nós o que vale agora para o Cristo ressuscitado: “tragada foi a morte pela vitória” (v. 54).

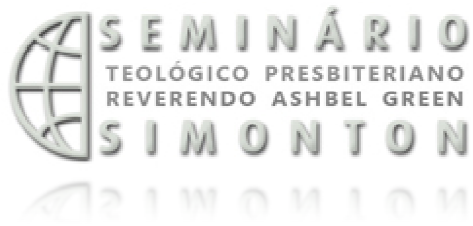
CONCLUSÃO

Diz o ditado que “a esperança é a última que morre”. Ele afirma, e isso é muito importante, que não podemos viver sem esperança; mas admite que ela morra, nem que seja por último. Que pena se a vida fosse só isso, uma realidade que se acaba com a morte.

A esperança cristã é imperecível, não morre jamais. Até a morte tem solução, pois foi vencida na manhã pascal, na ressurreição de Jesus Cristo. A ressurreição é, pois, a resposta cristã para o problema da morte. Ela está assegurada para os que são de Cristo, os que nele crêem e a ele obedecem. Que você seja contado entre estes.

Rev. Dr. Paulo Severino

*O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para falar com o autor, envie um email para: gloriapaulo@easyline.com.br



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958